

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ELIS JAYANE DOS SANTOS SILVA

**IMAGENS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE ALAGADA:
ENTRE TÁTICAS, RESISTÊNCIAS E BRICOLAGENS**

MACEIÓ
2020

ELIS JAYANE DOS SANTOS SILVA

**IMAGENS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE ALAGADA:
ENTRE TÁTICAS, RESISTÊNCIAS E BRICOLAGENS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Maria Hüning.

MACEIÓ

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
CURSO DE PSICOLOGIA

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – VERSÃO ORIENTADOR (A)

Aluna (o): Elis Jayane dos Santos Silva

Matrícula: 15110306

Orientadora (o)/Unidade: Simone Maria Hüning / Instituto de Psicologia

Título do TCC: **Imagens e narrativas de uma cidade alagada:** entre táticas, resistências e bricolagens.

Orientação: É função dos avaliadores atribuir, ao final do parecer uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em parte	Não Contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	x		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	x		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema e objetivos, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	x		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?	x		
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?	x		

Recomendações/sugestões dos avaliadores:

O trabalho se destaca pela qualidade de escrita, análise e articulação teórica. Apresenta uma proposta ousada e original, trazendo contribuições importantes para a psicologia. Recomenda-se, em consonância com o parecer da avaliadora, encaminhamento para publicação.

Nota do Orientador: 10,0

Nota do Avaliador: 10,0

Nota Final: Média entre as duas notas anteriores: 10,0

Data: 02/10/2020



Assinatura do (a) Orientador (a)

RESUMO

Considerando o crescente interesse da Psicologia Social pelo estudo dos espaços urbanos, este trabalho preconizou possibilidades outras de construir pesquisa nesses cenários. Para tanto, utilizando a proposta da deriva, projetou-se uma pesquisa-experiência que convoca para uma jornada na cidade de Maceió (AL). Apoiada na premissa de que somente uma metodologia alinhada com as movimentações da urbe pode ser capaz de documentá-la de modo implicado, político e afetuosamente responsável, produziu-se imagens e narrativas que dizem sobre a potência das reinvenções e resistências no cotidiano. Durante o itinerário que teve as margens como via, foi fundamental percorrer a cidade sem recortes programados, de modo que o percurso fosse moldado sobretudo pelas memórias e vertigens emergentes. Em síntese, mergulhou-se em uma cidade alagada e o resultado surgiu na confluência do reencontro conosco e com os espaços.

Palavras-chave: Psicologia Social. Cotidiano. Pesquisa-experiência.

ABSTRACT

Considering the growing interest of Social Psychology in the study of urban spaces, this work advocated other possibilities for building research in these scenarios. For this purpose, using the drift proposal, a experience-research was projected that calls for a journey to the city of Maceió (AL). Based by the premise that only a methodology aligned with the movements of the city can be able to document itself in an implicit, political and affectionately responsible way, images and narratives were produced, telling about the power of reinventions and resistance in daily life. During the course that had the margins of the city as a road, it was essential to run it without scheduled cuts, so that the route was shaped mainly by the emerging memories and vertigoes. In summary, we were plunged into a flooded city and the result came at the confluence of the reunion with us and the spaces.

Keywords: Social Psychology. Daily. Experience-research.

RESUMEN

Teniendo en cuenta el creciente interés de la Psicología Social por el estudio de los espacios urbanos, este trabajo defiende otras posibilidades para construir investigación en estos escenarios. Para eso, a partir de la propuesta de deriva, se proyectó una investigación-experiencia que convoca para un recorrido en la ciudad de Maceió (AL). Partiendo de la premisa de que solo una metodología alineada con los movimientos de la ciudad puede ser capaz de documentarlo de manera implícita, política y cariñosamente responsable, se produjeron imágenes y narrativas que hablan del poder de las reinenciones y resistencias en el diario. Durante el itinerario que tuvo los márgenes como ruta, era imprescindible recorrer la ciudad sin cortes programados, para que el camino se formara sobretudo por los recuerdos y los vértigos emergentes. En resumen, se sumergió en una ciudad inundada y el resultado llegó en la confluencia del reencuentro con nosotros y con los espacios.

Palabras-claves: Psicología social. Diario. Investigación-experiencia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESCOMPASSOS METODOLÓGICOS	10
3 SER LEVADA	13
3.1 OS RESTOS DA CIDADE.....	15
3.2 OS BECOS E BARREIRAS.....	17
3.3 A PONTE.....	19
3.4 ÀS MARCAS DA CIDADE.....	22
3.5 AS VIDAS DA PRAÇA.....	23
3.6 A CORÉIA.....	25
4 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Rupturas

Acreditamos que a história começa quando nascemos. Mas nascemos no meio de uma história, nascemos no meio de uma família, de um tempo, de uma sociedade. Começamos rasgando pelo meio, pois sempre houve uma história antes de nós e haverá uma depois de nós (SILVEIRA; FERREIRA, 2013, p. 243).

Fui parida nas águas do litoral sul das Alagoas. A cidade de Coruripe foi batizada com nome de rio, Rio Corurygip – como era chamado pelos índios Caetés, primeiros habitantes da região – é caracterizado por suas águas e peixes escuros. Hoje o rio ainda corre, embora as poucas águas escuras que restaram na cidade carreguem resquícios dos processos de urbanização emergentes por ali.

Nasci no ano de 1995, período em que alguns fenômenos importantes despontavam no cenário nacional. Fernando Henrique Cardoso assumiu a presidência no dia primeiro de janeiro, seu governo que teve contornos de uma ideologia neoliberal durou oito anos e marcou uma das mais notáveis mudanças socioeconômicas vividas na história do país (ANDERSON, 2011). Nesse mesmo ano, uma das principais empresas da cidade de Maceió, responsável por atividades no setor petroquímico, passou a ser controlada pela organização Odebrecht (ROSSI, 2020). A empresa, localizada à beira-mar, na época nomeada Salgema, hoje é conhecida como Braskem. Nos arranjos da cidade sentiríamos os desagues dessa empreitada alguns anos depois.

Coruripe nessa época tinha por volta dos cem anos de vida na condição de cidade, antes fora vila. Os moradores, dentre os quais minha família materna está inclusa, sobreviviam principalmente da pesca, cultivo da cana de açúcar e coleta de coco. O cenário atual não sofreu grandes alterações. Meus avós maternos, nativos da região, moravam (ainda atualmente) em um povoado chamado Miaí de Baixo. A história por trás dos nomes envolve dois gatos e um coqueiro à beira-mar. Os tais gatos vinham incomodando a quietude do povo por ali, a solução, portanto, foi levar os gatos até um local afastado e, diante de um coqueiro, um dos gatos fora deixado no alto e ordenado: miaí de cima; o outro, embaixo do coqueiro: miaí de baixo. Miaí de cima é o povoado vizinho. Não atesto a veracidade da história, conto somente o que ouvi de quem também já esteve na condição de ouvinte.

Voltando aos meus avós, meu avô hoje com 92 anos e minha avó com 88 nunca tiveram emprego formal. Ele pescador e agricultor de vivência, ensinou o ofício aos seis filhos homens que se dividiram entre a pesca, plantio e coleta de coco. Minha tia e minha mãe assumiram a

função de gênero que lhes cabia na época: catavam massunim¹, ajudavam nas casas de farinha e trabalhavam nas cozinhas do povo (branco). Foram a última família do povoado a ter energia elétrica em casa. O vô, relutante, não entendia a necessidade das luzes.

Minha mãe conta que lá, no Miaí de Baixo, os modos de existência eram diferentes do que estamos habituadas agora. O alimento vinha de plantação familiar e do que o mar oferecia. A moradia vinha do solo também, casas de taipa que precisavam ser ajustadas no mínimo uma vez ao ano. Era preciso fazer a troca das palhas de coqueiro que serviam como telhado. Para a construção de uma nova casa a comunidade se reunia, as crianças ajudavam a carregar os materiais enquanto os adultos cobriam as paredes com a massa de barro e água. Minha mãe saiu do povoado para morar na zona urbana de Coruripe em uma bicicleta, numa noite chuvosa, aos 18 anos. Eu saio de Coruripe a primeira vez aos 15 anos em um ônibus ofertado pelo governo para os alunos e alunas que estudam na capital, Maceió.

Este não é um relato familiar. Tampouco somente uma narrativa pessoal. Não estou interessada em contar a minha história ou expor as movimentações familiares que atravessaram a minha existência até agora. Este é um trabalho de pesquisa em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas que foi construído com esse corpo, com essas marcas e história. Sustento as colocações de Paul B. Preciado (2018), esta não é uma história sobre mim, mas sobre como fui atravessada pelos contextos que me esculpiram e ancoraram até aqui.

Assim como minha mãe, precisei migrar das águas onde nasci para outro local onde coubessem os planos de uma certa projeção de futuro. Minha mãe, que na época não teve a permissão do meu avô, saiu de casa para casar. Eu, movimentada por outros desejos, finquei o corpo e os afetos na ideia libertária do conhecimento institucional. Fui a primeira da família a ingressar de forma sistemática no ensino superior, mas não fui a única, pois trago comigo os corpos, histórias, miados, fugas e trajetos das que vieram antes de mim.

¹ Marisco de águas salgadas presente com frequência na culinária e economia pesqueira alagoana.

2 DESCOMPASSOS METODOLÓGICOS

Mergulhar no escuro

Nas páginas seguintes apresento pistas, resquícios de deslocamentos realizados durante os anos de 2019 e início de 2020 na capital de Alagoas, Maceió. Durante o percurso é importante salientar que nada será esclarecido, caminho apoiada nas colocações das autoras Andrea Scisleski e Simone Hüning (2016), reforçando a potência de mergulhar no escuro. Aqui os fenômenos não foram trazidos à luz para serem visualizados e enquadrados em determinados padrões enrijecidos e estéreis. Longe de um ideal explicativo, interessa sobretudo historiar as rupturas e resistências produzidas na cidade pelas personagens que a compõem, sem deixar de lado um detalhe fundamental: sou parte constituinte desse cenário.

Ao circular pela cidade, as questões germinam de maneira quase involuntária, as respostas, por outro lado, não param de desaparecer. Durante a escrita, portanto, tomei o movimento do cotidiano e as oscilações da vida urbana como fio condutor. Assim como ocorre na cidade aposto na produção de um texto em cinesia, produzido em meio ao movimento frenético das cidades por onde trafegam vidas desencantadas (BAPTISTA; SILVA, 2017). Nesse sentido, respostas virão à superfície somente quando e se necessárias.

Procurando possíveis roteiros que dialogassem com a proposta apresentada pactuei um acordo inicial: priorizar a liberdade, andaria de mãos dadas com Marília Silveira e Lígia Ferreira, “buscamos Liberdade para eleger uma metodologia liberta de certas amarras formais (das formas prontas)” (2013, p.243). Percebo que para compactuar com esse plano não poderia fazer recortes da cidade. Recortar implicaria estabelecer critérios e traçar percursos, isso não faria. Potencialmente poderia caminhar na cidade em sua totalidade ou, por outro lado, limitar-se ao espaço do cotidiano. O bônus dessa condição são as intempestivas surpresas no caminho.

Na busca de uma apreensão teórica que sustentasse o caminhar, deambulei em deriva. Segundo Simone Hüning e Carlysson Gomes, “derivar é uma forma de transgredir as regras que nos dizem como viver, por onde seguir, o que olhar e onde devem estar nossos corpos” (2019, p.107). Nesse sentido, importa destacar o protagonismo dos sentidos para produzir os encontros e caminhos, de modo que se possa dizer que este trabalho é sobretudo resultado da minha inserção no território, atenta aos percursos, aos caminhos e afetos estimulados nesse modo operante em que se tem um corpo singular e sensível envolvido na produção de uma pesquisa-experiência (HÜNING; GOMES, 2019).

Lázaro Baptista e Antônio Batista reiteram o aporte ético e teórico enfatizado, os autores defendem que só é possível contornar a cidade com os pés em terra-firme, de outra maneira “nada é ouvido, a urbe não fede, não exala nenhum odor” (2018, p.152). Caminho em deriva, portanto, para ter acesso de modo direto e orgânico às ruas, aos becos, às praças, histórias e afetos que a cidade ajuda a produzir.

Duas ferramentas foram fundamentais para compilar os trajetos: fotografias e narrativas. Sylvia Novaes afirma que a fotografia é fundamentalmente comunicação (2014). Portanto, para cumprir esse fim, desprezei as demandas de uma estética rigorosa e priorizei incluir nesse acervo imagens que noticiassem a imersão. Utilizo a fotografia também como estratégia de conservação dos rastros, cicatrizes dos acontecimentos, seguindo as orientações de Didi Huberman:

(...) nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas (...) e é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (2013, p. 127)

Como disse Etienne Samain (2012), “as imagens pertencem à ordem das *coisas vivas*” (p. 157), por isso o esforço apreendido para produzir imagens que comuniquem e maculem, no corpo desse texto, os espaços percorridos. Não para fixar as imagens apenas como atos e fatos, mas sim para descompassar a temporalidade, dado que toda imagem traz consigo lugares de memórias, lembranças, sobrevivências, ressurgências, manifestações de tempos outros atravessados pelas produções subjetivas do agora.

De modo complementar e paralelo as ideias e afetos imagéticos foram transcritos em narrativas imprecisas. Para dar conta dessa condição, adoto um modelo de escrita política e de afecções (SILVEIRA; FERREIRA, 2013) que acredita no discurso como produtor de sujeitos e suas subjetividades, além de pressupor que o arranjo do que tomamos como real é construído, sobretudo, a partir da linguagem.

Cabe reforçar em última instância que este será um texto-existência, “histórias que são íntimas e, em igual medida, sociais e políticas e que, costumeiramente, são varridas para debaixo do tapete” (OLIVEIRA, et. al., 2019, p. 181). Logo, foram inscritas aqui tanto as micro percepções que atravessam a singularidade de um corpo forasteiro em uma cidade familiar, como também as apreensões macro políticas e estruturais resultantes desse encontro.

Maceió é uma cidade margeada pelas águas, ora águas marítimas, noutras lagunares. Portanto, é a partir dessas andanças que alguns cenários vão sendo constituídos. Alerta que se a cidade apresentada não for compatível com aquela dos cartões-postais, ou ainda se o ímpeto

de contá-la esbarrar com a estabilidade do lugar comum, isto ocorre porque o caminho realizado tomou as margens como via (HÜNING; CABRAL; RIBEIRO, 2018). A mudança de águas salgadas para o doce da lagoa pode provocar náuseas e surpresas ocasionais.

Finalmente, nesses embalos, motivada pelo duplo jogo de interesses: a urgência de comunicar o intolerável (BAPTISTA, 2018) e o desejo de sinalizar o que resta de potência a um corpo jogado ao viver comum da cidade alagada (BATISTA, 2019), segui a cidade arrodando às margens por onde passam canais de água, lama, terra ou asfalto. A cidade que será contada é quase uma não cidade. Bairros têm nomes secretos, regras particulares são escancaradas nas paredes, a neutralidade demarca posição, pinturas em telas são expostas sobre o esgoto, móveis não enfeitam casas e o mar está impróprio para banho.

3 SER LEVADA

Foto 1



A árvore da Levada. Fotografia feita pela autora (2019)

Era por volta do mês de Setembro quando passei pelo bairro da Levada. Na fachada das casas há um canal por onde passa um esgoto a céu aberto, sobre ele pontes de ferro, madeira ou asfalto interligam e produzem caminhos. Meu olhar seguindo o movimento do canal é atraído por uma cena em particular, resolvo fotografar. A árvore de natal montada sobre uma estrutura de ferro dali, onde eu estava, parada no trânsito, parecia flutuar, revelando naquele fim de tarde qualquer, uma espécie de quadro subversivo da cidade, sobre a lama: arte! Uma árvore de natal transgressora das regras do tempo e espaço.

Nesse entretanto, enquanto direciono a câmera do celular para registrar a fotografia e os instantes seguintes em que observo a cena capturada, eu, entusiasta das análises arqueológicas, com a cabeça cheia de ciência e contradição, dessas que não garantem um início mas inventam percursos com ponto de partida; eu, inundada pelas águas que correm no canal, eu mesma sendo canal, atravessando cidades, passando sobre a ponte da lagoa Mundaú que dá as boas-vindas à cidade de Maceió para aquelas que assim como eu vem dos lados do Sul, nesse momento em que encaro essa mesma lagoa virar esgoto e mergulho no natal atemporal da Levada, penso de súbito como a árvore chegou até ali.

As lagoas apreendidas na composição nominal do estado de Alagoas são alvos de processos paradoxais de existência. Se de um lado a lagoa Mundaú, segunda maior do estado, é uma das principais fontes de renda e alimentação para uma parcela significativa da população maceioense, especialmente as famílias das marisqueiras que vivem nas beiradas da lagoa e se mantém através da cata e venda do sururu², por outro lado, as águas da Mundaú servem de destino substancial à grande parte dos dejetos produzidos na cidade. No documentário *Saneamento trágico* (2018) dirigido por Zazo, exploramos a constituição desse projeto de urbanidade perverso e excludente. Uma matéria do G1 intitulada “Alagoas tem apenas 15% do esgoto tratado, o resto é lançado na natureza” (2013) reforça esse coro dos descontentes. Nas águas da Lagoa Mundaú são levadas também as sobras da cidade.

No ano de 2019, período do registro da fotografia (foto 1), a decoração natalina em Maceió foi contemplada com algumas novidades, dentre elas inúmeras iluminações à caráter da época e um espaço popularmente conhecido como corredor musical, uma espécie de túnel repleto de luzes e trilha sonora. Nos discursos midiáticos e nas redes sociais acompanhei de longe a exaltação desse cenário localizado na orla marítima, especificamente nos ditos bairros nobres da cidade. A árvore de natal da lagoa, por sua vez, seguiu intacta. É certo que durante a noite, luzes de cor verde acendiam em torno da estrutura de ferro, mas em nada tinha similaridade com a decoração sacralizada daquele outro lugar, nem mesmo temporalmente, visto que as luzes verdes, assim como a árvore, permanecem durante todo o ano.

Em partes pela dinâmica do dia-a-dia, noutras por um confesso desinteresse, não cheguei a visitar presencialmente o corredor, tampouco as luzes daquele natal. Essa ausência, no entanto, não me impediu de conhecê-los e inscrevê-los nesse texto, pois, como dito anteriormente, as mídias e redes sociais cumpriram bem o seu papel de popularizar o espaço. Nesse sentido, é com um propósito similar que resolvo apresentar e ancorar nesse trabalho a imagem da Árvore da Levada. Não por acreditar na ingênua e equivocada crença de quem supõe dar forma ou voz às(aos) subalternas(os), quero apenas compartilhar o que vi(vi), para quem sabe assim a vivência ser em intensidades outras, também pluralizada. Baptista ao escrever um ensaio sobre o documentário “Edifício Master”, analisado a partir de reflexões Benjaminianas, conclui que:

Na tela, ao contrário do olhar encarcerado, pode um rosto deixar ver a cidade que não percebemos; o tempo de uma ação cotidiana recusar o fim e o começo; o horror banal do dia-a-dia ser estranhado; uma forma de amar pôr à prova a universalidade do amor; o gesto morto mover-se; um corpo desprender-se da essência que o aprisiona; o rosto

² Marisco de água doce que se reproduz na região.

humano não dizer e não deixar ver absolutamente nada; uma árvore movimentar-se sem o sopro do vento. (2008, p.2-3)

Embora a rota da Levada esteja entre os meus percursos habituais, ainda hoje (agosto de 2020) quando passo pelo local, os afetos sentidos nesse primeiro encontro não cessam de acontecer. A árvore continua de pé com toda pompa e austeridade que somente uma árvore de ferro flutuante sobre um esgoto, que em princípio é lagoa, poderia ter. Vez ou outra volto a refletir sobre a origem da estrutura, isso não significa dizer que lancei mão de qualquer investigação nesse sentido, não estou em busca de verdades oficiais, mais do que isso, o que interessa aqui é tão somente a inconclusividade da criação urbana e suas múltiplas confabulações.

3.1 OS RESTOS DA CIDADE

Foto 2



Muro do órgão da Defesa Civil de Maceió. Fotografia feita pela autora (2019)

A rua é progressivamente abandonada. E a armadilha é que, ao abandoná-la, parte fundamental do significado das vidas que por ali transitavam deixa de existir (KUSTER, 2014, p. 53).

As grandes cidades brasileiras refletem, em certa medida, características inerentes a lógica de um mundo globalizado e capitalizado ao excesso. Nesse sentido, a fotografia acima é

uma denúncia, mas não dessas vistas nos programas sensacionalistas que no fim das contas acabam agindo como meros amoladores-de-faca (BAPTISTA, 1999) quando encorajaram a hostilidade e disciplinarização dos e entre sujeitos e suas subjetividades. Logo a denúncia que será ecoada tem um propósito menos paradigmático e mais urgente, vem das ruas, nas palavras de Rodrigo Silva (2019): “as ruas denunciam. Falam uma verdade que queríamos esquecer. Vamos então capitular. Vamos nos deixar convencer. Vamos nos juntar a esse coro” (p. 10).

Pouco importa, nesse caso, o local exato da fotografia. Com o apontamento correríamos o risco de cair na perversa armadilha da culpabilização alheia. Peço permissão para deixar somente um adendo: o muro fotografado corresponde a sede municipal do órgão da Defesa Civil de Maceió. O registro ocorreu porque antes dele o olhar já havia capturado a cena como se estivesse sendo guiado pelo feixe de luz que atravessa a imagem (foto 2). Na devida sequência, a ordem de “PROIBIDO JOGAR LIXO” marcada na parede, seguida dos entulhos no chão.

O mês ou o dia exato também não ganham caráter de relevância aqui, imagens similares a essa são escancaradas no corpo da cidade todos os dias. Produzimos em excesso, consumimos em excesso e descartamos posteriormente a junção desses dois excedentes. Recordo que na cena o lixo se mantinha de uma esquina a outra por todo o quarteirão, mantendo uma linha de precisão quase sublime, não fosse pela estética infame.

A foto capturada em um dentre os 50 bairros de Maceió manifesta uma realidade muito presente na capital. Não foi incomum, durante os deslocamentos do período delimitado para execução desse trabalho, circular pelas ruas e observar o descarte de lixo em locais que a princípio não tinham esse fim. Há quem considere que a culpa é do poder público e da falta de investimento em ações adequadas de limpeza urbana, para outros a população, essa espécie de organismo descolado e independente da coletividade, e sua pretensa falta de educação deveriam ser as verdadeiras responsabilizadas pelo fenômeno.

Me abstenho de apontar culpados ou inocentes aqui. Durante os deslocamentos desse corpo pelo ambiente urbano, não ocupo a posição de juíza que precisa executar uma sentença. A cidade e o embate de forças que a constitui não são desvendáveis; essa espécie de objeto-experiência tem suas próprias condições de possibilidade. Caminho pela cidade porque a minha existência está interligada a ela e enquanto caminho, qualquer idealização de interioridade vai sendo progressivamente abandonada (SILVA, 2019).

Na dicotomia corpo e mente, herança da racionalidade grega, a cabeça é tida como a grande responsável pelo pensamento. A contradição faz morada quando paro em frente a um

amontoado de lixo do que parece os fragmentos de uma antiga casa (foto 2) e sinto meu corpo pensante tateando a cena com o olhar: em que momento a primeira sobra foi despejada ali? Depois dessa primeira, como chegamos a essa dimensão? Quanto tempo até que uma duna urbana de lixo seja construída? Sei que as dunas, por definição constituídas de areia, sofrem a ação prolongada do tempo e das forças eólicas em sua composição, no caso das dunas urbanas de lixo, a temporalidade e quais outras forças motoras devem ser consideradas? Volto a caminhar sem qualquer pretensão de resposta.

3.2 OS BECOS E BARREIRAS

Foto 3



Floresta nas imediações do conjunto José Tenório de Albuquerque Lins. Fotografia feita pela autora (2019)

Recorro a Achille Mbembe (2017) em escrita de seu último ensaio no livro *Políticas da Inimizade* para dar início a próxima narrativa:

[...] desprender-se de tudo ou de quase tudo, renunciar a tudo ou quase tudo, significará que, agora, não somos de nenhum lugar, que já não respondemos a nada e a nenhum nome?

E o que é a liberdade, se não pudermos romper verdadeiramente com este acidente, que é o fato de ter nascido em algum lugar – a relação de carne e osso, a dupla lei da terra e do sangue?

Como é que este acidente assinalará de maneira tão irrevogável quem somos, como somos conhecidos e por quem nos tomam? Porque determinará de modo tão decisivo aquilo a que temos direito, e tudo o resto – a soma das provas, dos documentos e dos

comprovativos que sempre serão precisos para esperar ter o que quer que seja, a começar pelo direito de existir, o direito de estar lá onde a vida afinal nos leva, passando pelo direito de circular livremente? (p. 245)

José Tenório de Albuquerque Lins é o nome do conjunto onde estabeleço a primeira morada em Maceió. Aos 16 anos, quando ainda cursava o ensino médio, precisei me alocar na casa de uma amiga da família durante os dias da semana, as viagens de ida e volta entre Coruripe e Maceió que levavam cerca de duas horas (cada) e já duravam um ano e meio estavam interferindo nas sistematizações do meu processo educacional. Por vezes ocorria atrasos na chegada e antecipação nas saídas, o horário do ônibus que fazia o percurso com os estudantes de diferentes instituições precisava seguir um padrão que conciliasse todas as demandas, por isso, o horário das aulas do Instituto Federal de 7h até as 12h20min, para mim, algumas vezes, acabavam sendo de 7h30min às 11h40min, em um dia sem imprevistos.

A decisão da mudança para a capital passou a existir no campo das ideias após um episódio na aula de física. O professor, daqueles que nutrem a fama de certa rispidez, iniciava as aulas pontualmente às 7 horas, no entanto, vez ou outra, estudantes se atrasavam, vez ou outra, fui uma delas. No fatídico dia, a normalidade em cena, saio de Coruripe no ônibus às 5h30min, chego em Maceió por volta das 7h15min, mais 15 minutos de caminhada do ponto em que descíamos até o IFAL (Instituto Federal de Alagoas), na porta da sala, com uma flexível precisão, às 7h30min.

O professor, um homem branco que devia ter por volta dos sessenta anos de idade, interdita a entrada. Lanço o apelo de que me atrasei porque sou do interior e dependo do horário do ônibus. Acontece que o dito cujo também era dado a uma certa dramaticidade das situações, nisto empurra sua mesa até a porta da sala, bloqueando a passagem e diz que eu poderia entrar desde que passasse por cima. Entrei.

A verdade é que vivi a situação sem nenhum apelo emocional, não mobilizei afetos, não senti nada, nenhum vestígio de raiva. A única consequência foi que a partir dali entendi que precisaria reorganizar meus percursos, afinal, não parecia correto continuar chegando com atraso na aula. Deve ser a isso que chamam de assumir a culpa por ser o fardo do homem branco. Hoje, apesar da passagem dos anos, lembro com exatidão os movimentos: subir na mesa, apoiar o passo com cuidado, seguir, descer da mesa, sentar na cadeira, assistir a aula. Lembro também do sentimento de quase felicidade, quase realização.

Oito anos depois, finalizado o ensino médio, nos últimos estágios da graduação em psicologia, depois de fazer lar em outros espaços da cidade, me levo de volta para o José

Tenório, essa área de concreto e inúmeros prédios, todos iguais, em cores diferentes. Cada prédio, um bloco, totalizando mais de cem, o número exato não sei. Moro no onze. As ruas são mal iluminadas e silenciosas, os prédios de três andares conservam uma aparência grosseira, em alguns blocos o portão e muro principal são alvos de intervenções estéticas e de distinção, outros, sem muro ou portão, abraçam as ruas. Entre os prédios se formam becos, é possível cortar caminho entre eles. Alguns mais largos, outros tão estreitos e sinuosos que é impossível ver o outro lado.

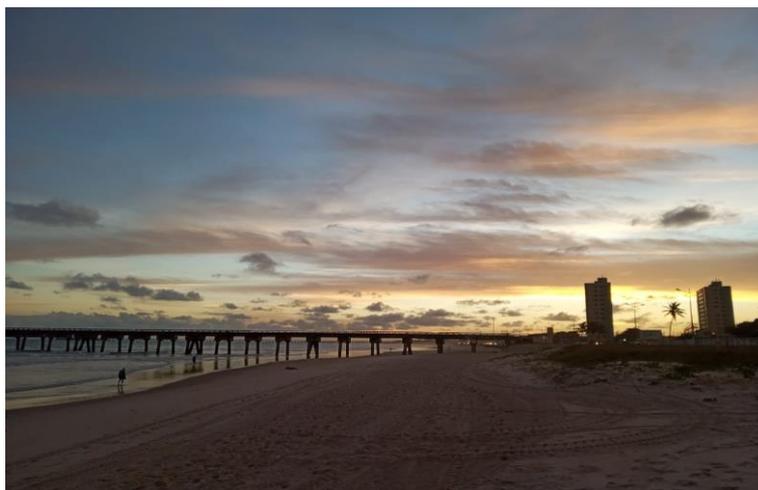
Falar sobre os becos e seus potenciais caminhos, exige que se fale também sobre cautela. Digo isso porque não posso ignorar os entraves do gênero que o meu corpo carrega consigo em cada passagem. Ocasionalmente é preciso tomar o caminho mais longo e ignorar qualquer atalho entre becos temerosos. Ainda assim, caminhar em uma rua frequentemente esvaziada de pessoas, ocupada somente por prédios silenciosos e intimidadores, não costuma causar qualquer sentimento de segurança. Não que me sinta exatamente amedrontada enquanto enfrento as ruas taciturnas do Zé (apelido dado ao bairro), costumo somente manter sentidos atentos e passos rápidos, algo que talvez não seja característico somente nestas passagens.

Percebo que o conjunto reflete uma tentativa preambular de apreensão do fenômeno urbano que Teresa Caldeira (1997) chamou de enclaves fortificados, espaços de moradia caracterizadas pelas barreiras físicas, isolamento social, sistemas privados de segurança e construção estrutural com desenhos voltados para o interior. Julgando pelo panorama pode-se dizer que os muros e portões não faziam parte do projeto inicial, talvez o discurso do medo tenha sido o principal agenciador dessa nova formação.

Do bloco onze, especificamente da cozinha do apartamento onde moro, a visão é da mata que corta o conjunto. Gosto de olhar pela janela e ver o verde do outro lado, a ilusória sensação de proximidade com a natureza tranquiliza. O local também funciona como depósito de detritos, não é incomum carros, carroças e pessoas, pararem e despejarem seus excessos ali. O acúmulo de lixo tem aumentado expressivamente nos últimos dias, depois esvazia e torna a encher. Na fotografia (foto 3) o tempo nublado e a paleta de cores verde e marrom compõe uma tela sublime, um sofá laranja desbotado posicionado com um capricho residencial, dá o toque final

3.3 A PONTE

Foto 4



Emissário submarino na praia da Sobral. Fotografia feita pela autora (2019)

A beira mar, por aqui, frequentemente considerada o principal cartão postal da cidade, costuma ser ocupada por uma elite quase mitológica, ainda que seja importante demarcar que essa configuração não é fixa e nem se estende por toda a orla marítima. Na beira da lagoa, discursos menos homéricos, voltados sobretudo a narrativas de marginalização e criminalidade (HÜNING; CABRAL; RIBEIRO, 2018). Pensando nisso, hesitei quanto à inclusão da fotografia acima, levando em conta principalmente o interesse de desviar das águas salgadas tão famigeradas na capital. Resolvo por fim incluí-la nesse trabalho por duas razões, a primeira diz respeito a uma tentativa de enfretamento à visão fragmentada que se constitui dos espaços, o segundo motivo relaciona-se ao compromisso pactuado de acatar as manifestações do caminhar em deriva.

Pelo mar sempre aprendi a ter respeito, mais do que deslumbramento. Durante a infância em Coruripe, frequentemente recebíamos a visita de familiares que chegavam nos finais de semana e feriados com destino estabelecido: a praia. O lado familiar paterno, natural da região agreste do estado, consideravelmente longe do litoral, corria para o mar com uma urgência imprescindível, lembro que por vezes não consegui acompanhar a dinâmica, minha mãe por vezes, seguia o mesmo movimento. Por alguma razão, a ida ao mar que para elas (tias, tios, primos, primas, etc.) era a grande aventura a ser explorada, para nós, nascidas e criadas na praia (como se diz por aqui) era quase trivial. Não que não houvesse admiração e apreço, o extremo oposto na verdade, era tanta a estima pelas águas salgadas – que em outro tempo para a minha mãe fora local de trabalho, quando ainda realizava as catas do massunim e que tanto naquele tempo quanto nesse seguia sendo fonte de existência, alimentação e espiritualidade –, que a transição dessa ideia para uma outra mais recreativa, por assim dizer, não ocorria regularmente.

Ainda que revele essa profusão de afetos, não busco romantizar a ideia do mar como lugar imaculado ou mesmo cabalístico. O que considero significativo para a narrativa percorrida aqui são os distintos modos de perceber os espaços. O litoral de Maceió possui uma das orlas marítimas mais prestigiadas do país, de modo que não soa equivocado afirmar que esse cenário constitui o principal cartão postal da cidade. A praia fotografada, entretanto, é apreendida através de outros discursos. No trajeto sentido Coruripe – Maceió, primeiro há a ponte sobre a lagoa, depois da curva, o mar, no entanto, os mares que recebem os migrantes que desaguam por essa direção não configuram exatamente o celebrado atrativo.

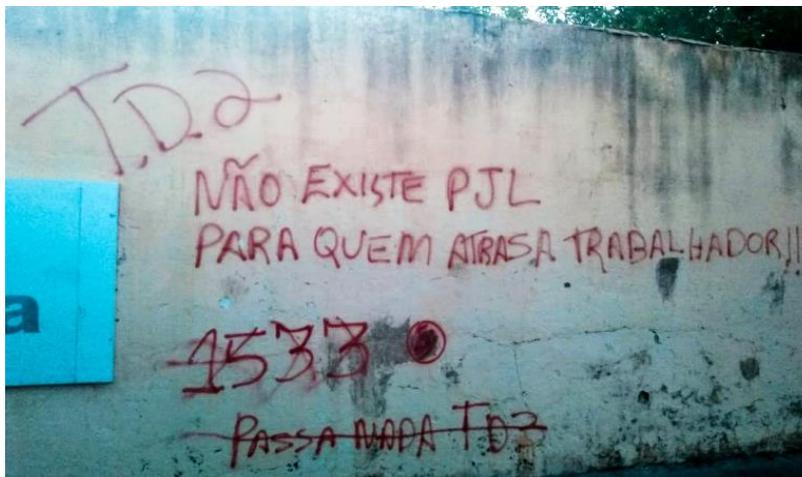
A praia do Pontal da Barra dá as boas-vindas. Ainda que não entenda ao certo o conceito de mar aberto (sobretudo por não conseguir compreender o sentido reverso da ideia, um mar fechado) pode-se dizer que o Pontal da Barra é assim, um mar aberto que abre a cidade. Fazendo uma analogia entre certa configuração política que determina espaços abertos e fechados, enclaves que ora servem a um ideal de proteção e vastidões que induzem vulnerabilidade, e o conceito de mar aberto ou fechado, penso se seria daí o acesso reduzido a essa faixa litorânea estendida. Pontal da Barra é também o nome do bairro que fica nas imediações, um bairro entre as águas da lagoa e do mar, esse sim um importante mobilizador do turismo na capital. Contrariando a classificação hierárquica citada no início, aqui é a lagoa quem se destaca.

Avançando no calçadão com pouca ou nenhuma infraestrutura que separa a areia do mar e a avenida, chegamos na praia vizinha, a Sobral, cenário da fotografia (foto 4) e leito do emissário submarino de Maceió. Somente no final de 2019 conheci a praia da Sobral. Mesmo que antes tenha passado por ela inúmeras vezes foi só depois de mergulhar no mar de ondas calmas, mas de força vigorosa, que avistei essa praia pela primeira vez. É certo que antes disso conhecia a estrutura da Casal responsável pelo derramamento de esgoto no mar, conhecia também as histórias sobre um mar impróprio para banho, mas próprio para despejo, ouvi as histórias de afogamento no mar proibido e também os casos de afronte daqueles que saltavam do emissário até o mar, mas a Sobral não conhecia.

Sentada na areia embaixo da estrutura do emissário submarino da praia da Sobral, emissário que virou ponte, ponte que não faz caminho, pois é curso só de ida, ouvi novas histórias. Dessa vez de quando o acesso sobre a tal ponte era aberto, assim como o mar ainda é, ouço também sobre o pôr do sol mais bonito de Maceió. No caminho de volta resolvo fotografar. Logo sou levada à declaração de Walter Benjamin “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”. (1994, p.8)

3.4 ÀS MARCAS DA CIDADE

Foto 5



Muro de uma escola no bairro Prado/Ouricuri/São Sebastião. Fotografia feita pela autora (2019)

Coruripe, cidade onde nasci, é popular pelo trabalho de mulheres artesãs que utilizam a palha da palmeira de Ouricuri para tecer peças e tradição. A questão surge quando sou informada que o meu local de estágio seria no Ouricuri. Nunca antes havia ouvido falar desse bairro nos entornos da cidade, e no mapa, no local onde deveria estar, encontro somente Prado. Foi preciso meses e andanças para finalmente entender a existência do território com nome da palmeira familiar. Assim como na praia da Sobral, aqui também foi preciso mergulhar.

Submersa escutei primeiro o Ouricuri, na devida sequência o bairro com o estigma de marginalizado e fama de boêmio deu lugar a um outro de nome cristão, homenagem ao santo católico São Sebastião. A mudança, no entanto, não foi fixa, no último fôlego ouvi distante alguém falar: São Sebastião foi incorporado ao Prado. Refletindo a partir das formulações de Eliana Kuster (2014), essa mutabilidade ou “sucessão de não-lugares nos quais vai se transformando a cidade é uma consequência dos processos de adaptação atravessados pela dinâmica urbana” (p.50). Mudanças, portanto, que asseguram uma condição de permanência.

Desço do ônibus e caminho cerca de dez minutos até chegar ao estágio, uma Unidade de Saúde da Família localizada no bairro oficialmente Prado, extra oficial: Ouricuri ou São Sebastião (à gosto da/o transeunte). No percurso passo por uma escola estadual de ensino fundamental. Enquanto as crianças circulam em volta do local, o informe deixado na parede do colégio atrai minha atenção. É recente o fenômeno das movimentações de facções na capital. Os códigos compartilhados têm deixado marcas no corpo simbólico, material e discursivo do município, além disso, tem produzido outras dinâmicas de circulação e acesso aos espaços. Na

fotografia (foto 5) a mensagem em vermelho explana não somente o território, mas também uma reivindicação de regras existentes por ali.

Sobre as palavras de ordem aprendi a compreendê-las entre andanças e escutas da cidade. Nessas soube que “1533” é o equivalente a sigla PCC, uma das principais facções estabelecidas em Maceió. A explicação para isso parte de uma lógica tão bem arquitetada que retive a informação como quem aprende a ler um novo idioma. Quinze corresponde ao P, 15ª letra do alfabeto. Três, por conseguinte, representa a letra C, duplamente posicionada. O “TD3” (tudo três) também está relacionado com a respectiva facção. Na parte inferior da fotografia o “1533 PASSA NADA TD3” riscado denuncia os rastros das disputas existentes por ali. Os informes “TD2 (tudo dois) Não existe PJJ (paz, justiça e liberdade) para quem atrasa trabalhador!”, pertencem a facção rival, Comando Vermelho, também circunscrita nas marcas da cidade. Parada no ponto exato da fotografia é possível avistar de longe, no fim da rua, um mar. Ouricuri é também a margem da Sobral.

3.5 AS VIDAS DA PRAÇA

Foto 6



Praça da faculdade. Fotografia feita pela autora (2019)

Prado, Ouricuri e Brejal, orbitando entre o oficial e o ilícito, são três bairros vizinhos que pertencem a zona Sul da cidade. Ambos em maior ou menor intensidade fazem parte das narrativas sobre os territórios perigosos e vulneráveis de Maceió. Além disso são espaços em que ações adequadas de políticas públicas são escassas ou inexistentes, além de frequentemente atravessadas por uma série de violências. Se considerarmos que as práticas que incidem sobre

determinados territórios são constituintes de uma certa condição de vulnerabilidade, a ascensão e domínio das facções, sobretudo nesses espaços, sinalizam a estreita relação entre a ineficácia do setor público e a conseqüente expansão das organizações de poder substitutivas.

Registre a fotografia (foto 6) no local conhecido como praça da faculdade. Lembro do estranhamento ao ouvir a denominação pela primeira vez. Por que uma praça se chamaria praça da faculdade quando não há nenhuma instituição de ensino superior nas redondezas? Acho intrigante como o fluxo urbano traz à tona perguntas e respostas corriqueiras. Não digo que é essencial estabelecer pontos de origem ou justificativas para todas as movimentações testemunhadas, ainda assim, julgo interessante se atentar aos pormenores dessa dinâmica.

Quanto às respostas, embora não tenha como objetivo trazê-las, descobri depois a existência do Museu de História Natural em frente à praça, que antes havia sediado a primeira faculdade de medicina de Alagoas, dando origem ao nome. Foram as(os) usuárias(os) do serviço onde atuei como estagiária, Consultório na Rua, serviço da atenção básica referência no cuidado a saúde da população em situação de rua, que me apontaram. Melhor dizendo, foram as moradoras e moradores da praça que me explicaram sua procedência, as vidas sem casa que moram no lugar das coisas sem casa (SILVA, 2018). Não sei se entre essas o acesso ao museu já foi efetivado, posso afirmar somente que eu nunca estive lá. Embora estudante da Universidade Federal de Alagoas, conheço somente a localização atual da instituição, situada no extremo oposto dali. Me pergunto agora o que mobilizou a mudança.

É certo apenas que a região sul de Maceió vem sofrendo certas interferências de distanciamento ao longo dos anos, sobretudo após instalação na região da indústria de petroquímicos citada no início dessas narrativas, Braskem. A empresa localizada em frente ao mar do Pontal da barra também deixa suas marcas. No Pontal, por exemplo, placas sinalizam rotas de fuga em caso de acidente provocado pela instituição. Centralizada entre a lagoa e o mar, diria que a empresa simboliza o controverso desenvolvimento urbano de Maceió e a exploração incosequente dos ecossistemas naturais. Como resultado dessa extração, as escavações minaram também outros lados da cidade, atualmente vivemos a iminência de bairros “com data para sumir do mapa” (ROSSI, 2020).

Além de casa, a praça também cumpre seu papel de espaço público de convivência, arrisco dizer que está entre as poucas de Maceió que oportuniza esse fluxo. Ao fundo da fotografia barracas coloridas que comercializam lanches, bebidas e afins, preenchem o panorama, no fundo verde da pista de skate um aviso: Prado + Ouricuri + Brejal TD2 (tudo dois). Cabe pensar a declaração da estrutura dos coletivos nomeados facções a partir do

raciocínio explorado por Achile Mbembe (2018), de acordo com o autor: “o ato de identificação é também uma afirmação de existência. “Eu sou” significa, desde já, eu existo” (p. 263)

Se as facções ganham popularidade a partir do imperativo “crime” enquanto conceito pré-estabelecido ligado a práticas que beiram a ilegalidade, é preciso considerar também a ideiação comunitária exercida nessas manifestações. Ao apontar a união dos três bairros adjacentes e heterogêneos, alega igualmente condições práticas de identificação grupal e táticas de existência na sociedade. Interessante pensar também a inversão de certos estatutos, o “crime” que em tempos outros encontrava-se na discrição das práticas urbanas, hoje é marcado em paredes intransigentes.

3.6 A CORÉIA

Foto 7



Um muro na Coréia. Fotografia feita pela autora (2019)

Foi numa conversa informal, enquanto tentava acompanhar as orientações de uma amiga pra chegar até um determinado destino que ouvi a Coréia pela primeira vez “ali perto da Coréia” era a instrução. É de se esperar que alguém não nascida em um município, tampouco criada durante parte significativa da vida, desconheça grande parte dos territórios constituintes da região. Apesar disso, por alguma razão, reajo a algumas nomeações espaciais com uma atenção especial. Foi o caso da Coréia.

Percorri a zona Sul da cidade algumas vezes no último ano, em partes porque, como já dito, o local onde realizei o estágio curricular para finalizar a graduação ficava nas imediações, mas também por ter tecido encontros e relações de afeto nesses entornos. A Coréia aparecia na fala de amigas e amigos, na fala de usuárias(os) do serviço (Consultório na Rua), no entanto,

só não encontrei a Coréia em registros oficiais da cidade. O que estou chamando de oficial aqui são documentos públicos, mesmo ciente da possível contradição dessa escolha. Ao contrário do Ouricuri, não houveram explicações históricas desse bairro, ainda assim, lá estava ele talhado na matéria viva da cidade.

Há de se prestar atenção nos caminhos. Aprendi que a Coréia fica centralizada entre os bairros do Trapiche, Vergel, Prado e Levada, esses sim oficiais. Aprendi também que a Coréia faz fronteira direta com o Bairro da Ponta Grossa (PG) – essa última aprendi empiricamente enquanto caminhava no local –. No mapa e nos registros (oficiais), a Coréia foi engolida pela PG. Na dualidade das fotos, em sincronia, duas reivindicações são encaradas. No muro de frente: PAZ COREIA - PJL (Paz, Justiça e liberdade). Na continuação, ao lado, outras demandas: PL - TDN (paz e liberdade - tudo neutro).

Seguir o movimento da cidade é também aprender a acessar os códigos sinalizadores, mas não como um material secreto a ser desvendado, talvez como quem lê um número na porta de uma casa, ou o endereço da rua em uma placa de esquina. No contínuo do muro: Paz e Liberdade em um território – até aquele momento – neutro (PL-TDN). Neutralidade que também faz referência ao movimento das facções, ser neutro, portanto, significa dizer que o território é apartidário quanto as disputas entre facções, ou dizer ainda, que o domínio ali não pertence a nenhuma dentre as estabelecidas na cidade. Quem marca a neutralidade?

Escavando a memória não recordo o dia exato da fotografia (foto 7), lembro que era um dia ensolarado e que o muro azul, quase da cor do céu, foi o que me convidou a olhar. Não diria exatamente que conheço a região, acesso a Coréia somente como lugar de passagem, exercito a liberdade do ir e vir e transito. Aprendo sobre as direções, sobre as abreviações e compilações, mas conhecer promove outras perspectivas. De todo modo, o objetivo nunca foi desvendar territórios, senão deambular sobre eles.

Daí não ser pretensão minha, observando esse solo, fazer emergir tudo que ele esconde. Interrogo apenas as camadas de tempo que terei de atravessar antes de alcançá-lo. E para que ele venha juntar-se, aqui mesmo, ao movimento – à inquietude – de meu próprio presente. (HUBERMAN, 2013, p.130)

Findada a jornada, percebo que as interrogações são ainda maiores e fervorosas que no ponto de partida. Com isso, diria que se preciso fosse estipular um destino, seria este, expandir o interesse sobre a cidade e sobre as manifestações subjetivas decorrentes. Dessa maneira certamente teria cumprido o objetivo com êxito, tendo a mobilidade enquanto método e fim.

Encerro ecoando e reeditando as palavras de Frantz Fanon: “ô meu corpo, faça sempre de mim uma *mulher* que questiona.” (1952/2008, p.191).

4 CONCLUSÃO

Táticas, Resistências e Bricolagens

Na cadência dos fatos parti do início. Iniciei este trabalho na gênese do lugar de onde vim, apontando as organizações e posteriores desvios que influenciaram meus modos de orbitar nos espaços. A escolha por tomar esse ponto de origem não aconteceu de forma arbitrária, considero aqui uma dimensão de sujeito-experiência, uma espécie de lugar de passagem, superfície volátil marcada pelas intercorrências do caminho, nas palavras de Jorge Bondía: “sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (2002, p. 24). É inegável, portanto, que para produzir essa pesquisa foi fundamental recepcionar experiências. Arrisco dizer, inclusive, que narrar a história da pesquisadora que sai do interior e passa a viver na capital, é também conduzir no texto os intempéries do cotidiano de outras/os migrantes que desaguam por aqui.

Sobre experiências, importa também falar sobre o caminhar, movimento que trouxe não só formas inéditas de sentir os espaços, como também possibilidades entorpecentes de se produzir conhecimento. Se andar pela cidade em um dado momento parecia singelo e quiçá improdutivo, foi especialmente o vai e vem que permitiu com esse corpo urbano mutações analíticas, registros fotográficos itinerantes, acessos de memórias catárticos e viagens líricas sem retorno. Interessante demarcar o caminhar como um método potente e político quando se trata de produzir pesquisa em territórios urbanos. Como aponta Certeau (1980/1998) o caminhar se apresenta como uma apropriação subjetiva dos espaços, de modo que a partir dessa conduta temos o poder de construir itinerários diferentes dos habituais e conseqüentemente produzir outras formas de viver a cidade.

Nisso habita a colocação do autor quando compara o ato de caminhar ao ato de falar, nas palavras dele “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos” (CERTEAU, 1980/1998, p.176), acrescenta ainda: “é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre [...] uma realização espacial do lugar” (CERTEAU, 1980/1998, p.176). Logo, subvertendo a imposição de métodos e trajetos, contemplei os múltiplos sentidos que a palavra-caminho pode oferecer e de maneira equivalente explorei uma cidade habitada e impetuosa, o que por si contraria o projeto hegemônico que tenciona construir espaços e pesquisas assépticas e estéreis.

Foi precisamente a partir dessa abertura, enquanto grifava o corpo pela cidade, que pude sentir desdobramentos sutis no cotidiano urbano. Importante sinalizar que cotidiano também é compreendido aqui a partir das teorizações de Certeau (1980/1998), logo não como espaço de regularidades e inerente rotina, mas sobretudo como zona de rupturas e rearranjos frequentes. Nesse sentido, cabe a assertiva de Rogério Leite: “Certeau rompe com a definição de cotidiano como rotinização para dar lugar à ideia de cotidiano como *movimento*” (2010, p.746). O movimento que foi norteador dessa pesquisa enquanto práxis e molde discursivo, também é protagonista quando se fala no contexto de análise.

Como resultado dos itinerários, entendo que os fragmentos do meu cotidiano enquanto pesquisadora inseridos aqui tencionam a cidade por não poderem dela se alienar. A partir dos relatos exploro mecanismos de controle que forjam modos de vida, produzem relações e direcionam a vida dos sujeitos sociais. Pensando nisso, interessa explorar a simetria dos espaços percorridos, que em partes obedece somente a razões práticas dos deslocamentos diários, mas também a um planejamento central nesse trabalho, que chamei aqui de caminhar pelas margens.

Pactuando com a colocação de Simone Hüning, Rosângela Cabral e Maria Ribeiro (2018), prioriza-se que a Psicologia percorra as margens não com objetivo de reparação, mas por acreditar que essa relação permite a ressignificação desses espaços e vidas e viabiliza a promoção de projetos urbanos alinhados com as características locais. Por isso, as imagens e narrativas trazidas aqui têm algo de similar, todas foram registradas em territórios-margens atravessados por estigmas de vulnerabilização e criminalidade.

Caminho pelas margens também escorada no desfecho de que sou, eu mesma, um território-margem, enquanto mulher, negra, jovem que pertence à classe econômica menos favorecida da capital. De acordo com Valdir Prado Junior, Fabrício Amaral e Ycarim Barbosa (2018) o corpo é visto como primeiro território e espaço de expressão das relações de poder. Caminho sob meu próprio eu em uma cidade que não me gerou, mas acomodou. Não desfruto de memórias da infância nos locais populares de Maceió, fui concebida noutros espaços, carregou outras marcas, fui cria do interior, compartilho somente a afinidade das águas, entre rio ou lagoa e o mar, seja em Coruripe ou Maceió.

No fim das contas, importa demarcar também que alinhada com as teorizações de Certeau, sobretudo a partir do que ele chamou de táticas, resistências ou bricolagens (1980/1998), essa espécie de escape ou micro resistência que permite ao sujeito comum subverter o domínio opressor, chego ao imperativo de ecoar outras memórias discursivas sobre as margens. Na Levada, por exemplo, uma árvore de natal montada num lugar atípico

protagoniza a narrativa; no Ouricuri e na Coréia sobressai as nomeações extra-oficiais dos espaços; chamarei igualmente de tática o antagonismo ao poder estatal projetado pelas facções enquanto maneira de sobreviver no cotidiano e eventualmente o sofá laranja desbotado contrastando entre os excessos de um dia nublado; por último, como esquecer o emissário que virou ponte?

Para encerrar, chamarei de tática também a experiência de produzir pesquisa contornando as imposições de uma ciência normativa e impessoal. Repetidamente pessoalizo a experiência desse trabalho e mais, ancestralizo, “na busca do entendimento desta minha breve existência, danço, escrevo, teço palavras com fios desfiados da flor do útero das minhas ancestrais” (FREIRE, 2014, p.568). Recorro aos ensinamentos daquela que é a matriarca pra findar o percurso dessa pesquisa. Conta que quando voltava da praia para casa com o *balaio* de massunim pesado na cabeça, depois de retirar o peso de si, era preciso ficar cerca de dez minutos sem mexer o pescoço, até que conseguisse novamente executar qualquer movimento. Finalizo esses escritos acatando as condições do tempo. Por ora mantenho o corpo, todo ele, enrijecido, reprimo os movimentos para que a matéria possa se recuperar e retornar o fôlego depois do mergulho em uma capital alagada.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Novos Estudos – CEBRAP*, n. 91, p. 23-52, nov. 2011.
- BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Cartas Impertinentes. Agonística de uma escrita sobre o intolerável. *Revista TransVersos*, n. 12, p. 396-414, abr. 2018.
- BAPTISTA, Luis Antonio; SILVA, Rodrigo Lages e. A cidade dos anjos do improrrogável. *Revista Polis e Psique*, v. 7, n. 1, p. 49-73, 2017.
- BAPTISTA, Luis Antonio. A Atriz, o Padre e a Psicanalista - os Amoladores de Facas. In: BAPTISTA, Luis Antonio. *A Cidade dos Sábios*. São Paulo: Summus, 1999. p. 45-50.
- BAPTISTA, Luis Antonio. Walter Benjamin e os anjos de Copacabana. *Revista Educação Especial: Biblioteca do professor*, n. 7, p. 60-69, 2008.
- BAPTISTA, Lázaro; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Limiares e fronteiras de uma cidade que ainda vive. *Interação em Psicologia*, v. 22, n. 3, 2018.
- BAPTISTA, Lázaro. Cotidiano de uma experiência urbana informe: dilaceramentos, trajetórias e políticas do comum. *Psicologia & Sociedade*, v. 31, p. 1-11, 2019.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 47, p. 155-176, 1997.
- CERTEAU, Michel de. (1980). *A Invenção do Cotidiano: I. Artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DIDI- HUBERMAN, Georges. Cascas. *Revista Serrote*, v. 13, p. 99-133, mar. 2013.
- FANON, Frantz. (1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 2, p. 565-584, 2014.
- HÜNING, Simone Maria; CABRAL, Rosângela Jacinto; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira. Nas margens: psicologia, política de assistência social e territorialidades. *Revista Polis e Psique*, v. 8, n. 3, p. 52-69, 2018.

HÜNING, Simone Maria; GOMES, Carlysson Alexandre Rangel. A Pesquisa-experiência na Psicologia: Corpos, Afetos e Experiências em Territórios Urbanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe2, p. 100-111, nov. 2019.

KUSTER, Eliana. Outros Olhos: as ru(s)gas da cidade e seu desvelamento nos discursos contemporâneos. In: KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 47-58.

LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MUTTIS, Fabiana de. Alagoas tem apenas 15% do esgoto tratado, o resto é lançado na natureza. *GI*, Maceió, 01 de jun. de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/06/alagoas-tem-apenas-15-do-esgoto-tratado-todo-o-resto-vai-para-o-mar.html>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares et al. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. spe, p.179-184, 2019.

PRADO JUNIOR, Valdir Inácio do; AMARAL, Fabrício Borges do; BARBOSA, Ycarim Melgaço, Epistemologia do território: a prostituição masculina em Goiânia. *Rev. Bras. Gest. Urbana*, v. 10, n. 2, p. 335-345, aug. 2018.

PRECIADO, Paul B. *Texto junkie: sexo, drogas e biopolítico na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROSSI, Marina. O bairro com data para sumir do mapa em Maceió. *El país*, Maceió, 14 de jan. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-14/o-bairro-fantasma-que-a-mineracao-deixou-para-tras-em-maceio.html>. Acesso em: 09 de fev. de 2020.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, v. 10, n. 1, p. 151-164, 2012.

SAMAIN, Etienne. Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 47-55, 2014.

SANEAMENTO trágico. Direção de Zazo. Produção de Jairo Silva e Paula Araújo. Maceió: KZEBRE AUDIOVISUAL, 2018. 1 DVD (71min).

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho; HÜNING, Simone Maria. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. *Rev. Polis Psique*, v. 6, n. 1, p. 8-27, jan. 2016.

SILVA, Rodrigo Lages. Exercícios Ambulatórios para uma Reflexão acerca das Psicologias Sociais e da Cidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, p. 1-12, 2019.

SILVA, Wanderson Vilton Nunes da. *Territórios Vulneráveis: arquivos impróprios de uma memória em perigo*. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.169. 2018.

SILVEIRA, Marília; FERREIRA, Ligia Hecker. Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita. *Athenea Digital*, v. 13, n. 3, p. 243-263, 2013.